

alameda

ARQUEOLOGIA | PATRIMÔNIO | HISTÓRIA LOCAL

ISSN 2182-7265

online

#22 (tomo 2) Jul. 2018

ROTEIRO MEGALÍTICO DE AVIS

gestão e valorização
de sítios e monumentos
arqueológicos

Trajectos matrizes
em estruturas territoriais
e urbanas antigas

Questões de género
na Arqueologia portuguesa

Topónimos da Vila do Torrão,
de meados do século XV



CAA

Centro de Arqueologia de Almada



Capa | Jorge Raposo

Composição sobre imagem da anta Olival da Anta, um dos monumentos megalíticos do Município de Avis.

Foto © Ana Cristina Ribeiro, Câmara Municipal de Avis.

Al-Madán
online

II Série, n.º 22, tomo 2, Julho 2018

Proprietário e Editor |

Centro de Arqueologia de Almada,
Apartado 603 EC Pragal,
2801-601 Almada Portugal

NIPC | 501 073 566

Sede | Travessa Luís Teotónio
Pereira, Cova da Piedade,
2805-187 Almada

Telefone | 212 766 975

E-mail | c.arqueo.alm@gmail.com

Internet | www.almadan.publ.pt

ISSN | 2182-7265

Estatuto editorial |
www.almadan.publ.pt

Distribuição | <http://lissuu.com/almadan>

Patrocínio | Câmara M. de Almada

Parceria | ArqueoHoje - Conservação
e Restauro do Património
Monumental, Ld.^a

Apoio | Neoépica, Ld.^a

Director | Jorge Raposo
(director.almadan@gmail.com)

Publicidade | Centro de Arqueologia
de Almada (c.arqueo.alm@gmail.com)

Conselho Científico |
Amílcar Guerra, António Nabais,
Luís Raposo, Carlos Marques da Silva
e Carlos Tavares da Silva

Redacção | Centro de Arqueologia de
Almada (sede): Vanessa Dias,
Ana Luísa Duarte, Elisabete
Gonçalves e Francisco Silva

Resumos | Jorge Raposo (português),
Luisa Pinho (inglês) e Maria Isabel dos
Santos (francês)

**Modelo gráfico, tratamento de imagem
e paginação electrónica |** Jorge Raposo

Revisão | Elisabete Gonçalves,
Fernanda Lourenço e Sónia Tchissole

Colaboram neste número |
Sara Brito, Jacinta Bugalhão, Mafalda
Capela, Guilherme de Jesus P. Cardoso,
João Luís Cardoso, Alexandre Carrançã,

António Rafael Carvalho, Liliana
Carvalho, Ana Rosa Cruz, Vitor Durão,
José d'Encarnação, José da Silva
Ferreira, Maria Teresa Ferreira, Silvério
Figueiredo, Miguel Lago, Eva Maria
F. Leitão, Sebastião L. de Lima Filho,
António Marques, Sérgio Monteiro-
Rodrigues, Andreia Moreira, Maria
João Neves, Susana Nunes, Franklin
Pereira, Silvina Pereira, Paula Queiroz,
Ana Cristina Ribeiro, Carla Ribeiro,
Morgana Cavalcante Ribeiro, Maria

de Jesus Sanches, João Luís Sequeira,
Miguel Serra, Armando Coelho F.
da Silva, Rodrigo Banha da Silva, Sara
Simões, Fábio Soares, Cátia Teixeira,
Ana Vale, Marco Valente, Carlos Vítor
D. D. Vasques e Sofia N. Wasterlain.

Os conteúdos editoriais da *Al-Madán Online*
não seguem o Acordo Ortográfico de 1990.
No entanto, a revista respeita a vontade dos
autores, incluindo nas suas páginas tanto
artigos que partilham a opção do editor
como aqueles que aplicam o dito Acordo.

Este novo tomo da *Al-Madán Online* abre com um merecido destaque ao Património arqueológico megalítico do Município de Avis. Um vasto conjunto de monumentos funerários, erguidos pelas comunidades que aí viveram entre o 5.º e o 3.º milénios a.C., ainda hoje marca a paisagem e justifica estratégias sustentadas de gestão, valorização e promoção que articulem o seu importante valor científico com as não menos relevantes valências culturais e turísticas. Um processo a seguir e, principalmente, a fruir através das múltiplas ofertas de roteiros de visita.

A Arqueologia de campo está presente através dos resultados de intervenção realizada no centro histórico de Pinhel, em níveis de necrópole medieval-moderna que propiciaram a análise antropológica dos indivíduos aí inumados, e ainda de trabalho que ilustra as potencialidades abertas ao estudo da arte rupestre pelas novas tecnologias digitais, exemplificando com a sua aplicação à denominada “Pedra da Lua”, na serra do Caldeirão (Almodôvar). Correspondendo ao crescente interesse que desperta em leitores desse país lusófono, a *Al-Madán Online* dá também espaço à Arqueologia brasileira, publicando uma investigação sobre estruturas murárias ligadas à ocupação colonial da zona centro-norte da Baía na transição dos séculos XIX-XX.

Outros estudos retomam problemáticas portuguesas. O primeiro incide sobre trajectos matrizes da área de Lisboa e analisa o seu papel no desenvolvimento e consolidação das urbes antigas de Odivelas, da Graça, da Colina do Castelo e da Frente de Alfama; um segundo parte das magníficas ilustrações de uma publicação alemã dos finais do século XVIII para avivar a memória das grutas ou cavidades naturais existentes no vale de Alcântara, entretanto desaparecidas devido à extracção intensiva de pedra calcária; um terceiro tece considerações sobre contextos e práticas funerárias neolíticas identificadas entre os estuários dos rios Âncora e Lima; um quarto sistematiza a análise iconográfica de um cofre em marfim profusamente decorado, executado em Paris no século XIV, e contextualiza-o na arte parisiense e luso-oriental da época; um último reflecte sobre a experiência de encenar peças de repertório clássico nas ruínas do Teatro Romano de Lisboa, nomeadamente *A Paz* de Aristófanes, em 2016, e *O Misanthropo* de Menandro, em 2017.

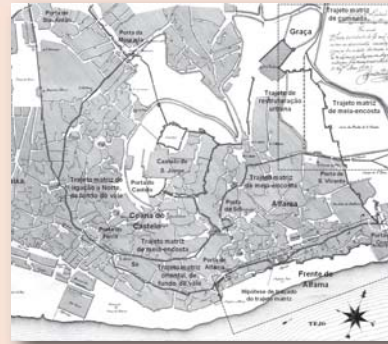
Um texto de opinião aborda as novidades da Lisboa romana, outro as questões de género na Arqueologia profissional portuguesa, e outro ainda enfatiza a pertinência da Arqueologia de “cota positiva”, particularmente em contextos industriais. O Património cultural, em sentido amplo, está representado por análise documental que enriquece o conhecimento da toponímia da zona do Torrão (Alcácer do Sal) no século XV, e por recolha oral junto de Jorge Augusto, um operário e original criador artístico da zona do Porto. Por fim, há ainda uma crónica estimulante e diversificado noticiário arqueológico, sobre livros, revistas e eventos científicos recentes, terminando com uma agenda dos que estão publicitados para os próximos meses. Como sempre... votos de boas leituras!

Jorge Raposo

EDITORIAL ...3 ▶

CRÓNICAS

Copiar, Colar e... Omitir! | José d'Encarnação...6 ▶



Trajeto Matriz. Análise de trajetos matrizes em estruturas territoriais e urbanas antigas da área de Lisboa: Odivelas, Graça, Colina do Castelo e Frente de Alfama | Vitor Durão...47 ▶

ARQUEOLOGIA



Entre Pedras e Pedrinhas: construção de um roteiro megalítico de Avis | Ana Cristina Ribeiro...8 ▶

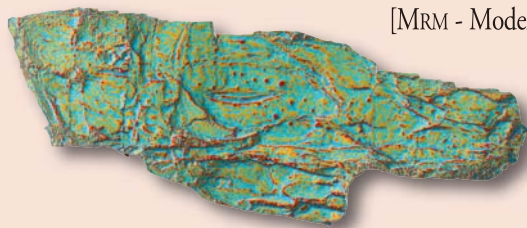


As Grutas do Vale de Alcântara | Eva Maria F. Leitão, Carlos Vítor D. D. Vasques e Guilherme de Jesus P. Cardoso ...58 ▶

Intervenção Arqueológica no Centro Histórico de Pinhel (Guarda): resultados arqueológicos e paleobiológicos | Susana Nunes, Carla Ribeiro, Maria João Neves, Sofia N. Wasterlain e Maria Teresa Ferreira...18 ▶



Pedra da Lua (Serra do Caldeirão, Almodôvar): uma redescoberta à luz das novas tecnologias [MRM - Modelo de Resíduo Morfológico] | Marco Valente...26 ▶



Contextos e Práticas Funerárias Neolíticas Entre os Estuários do Âncora e do Lima (Noroeste de Portugal): algumas considerações | Fábio Soares...72 ▶

ARQUEOLOGIA BRASILEIRA

A História Que Resiste: um estudo de caso acerca de remanescentes históricos edificados no Centro Norte Baiano (Brasil) | Morgana Cavalcante Ribeiro e Sebastião Lacerda de Lima Filho...34 ▶



Cofre em Marfim Parisiense do Século XIV: análise iconográfica e contextualização portuguesa | Cátia Teixeira...85 ▶

ESTUDOS CLÁSSICOS



O Misanthropo no Teatro Romano de Lisboa: quando a criação artística se encontra com a investigação académica | Silvína Pereira...93 ▶

OPINIÃO



As Ruínas da Lisboa Romana | José d'Encarnação...107 ▶

Questões de Género em Contexto Laboral em Arqueologia: breves notas | Sara Simões, Sara Brito, Liliana Carvalho, Jacinta Bugalhão e Andreia Moreira...111 ▶



PATRIMÓNIO

Topónimos da Vila do Torrão, de Meados do Século XV: segundo um documento de administração de uma Capela sediada na Igreja Matriz | António Rafael Carvalho...117 ▶



E Algumas Coisas Que Não Deveriam Ter Sido Esquecidas, Foram Perdidas | João Luís Sequeira...114 ▶



NOTICIÁRIO ARQUEOLÓGICO

Localização do Balneário Castrejo Atribuído ao Castro de Eiras / Aboim das Choças (Arcos de Valdevez) | José da Silva Ferreira e Armando Coelho F. da Silva...136 ▶

Frutos de Roseira na Urna Funerária do *Tumulus* 1 do Souto (Abrantes, Portugal) | Paula Queiroz e Ana Rosa Cruz...138 ▶

Petição Pela Defesa do Património Arqueológico Nacional | Marco Valente...141 ▶

Comissão de Arqueologia Profissional da Associação dos Arqueólogos Portugueses | Rodrigo Banha da Silva, Miguel Lago e Jacinta Bugalhão...142 ▶

EVENTOS

X Jornadas de Jovens em Investigação Arqueológica | Cátia Teixeira...151 ▶

II Encontro de Arqueologia de Lisboa | António Marques...153 ▶

Colóquio Anual da ERA Arqueologia | Mafalda Capela...155 ▶

ARQUEOCIÊNCIAS 2018. Da matéria-prima ao artefacto: algumas notas | Ana Vale, Sérgio Monteiro-Rodrigues e Maria de Jesus Sanches...158 ▶

O II Congresso Internacional As Aves: evolução, paleontologia, arqueozoologia, artes e ambientes | Silvério Figueiredo e Alexandre Carrança...161 ▶

Arqueologia, Museu(s) e Comunidade(s): arqueologia comunitária e museologia comunitária | Miguel Serra...162 ▶
Agenda...165 ▶



Arte Não-Académica, Arte Popular, Arte Bruta: as criações de Jorge Augusto | Franklin Pereira...127 ▶

LIVROS & REVISTAS

Actas do Primeiro Encontro de Arqueologia de Lisboa | João Luís Cardoso...144 ▶

Caetobriga. O Sítio Arqueológico da Casa dos Mosaicos: recensão de uma obra fundamental | João Luís Cardoso...147 ▶
Novidades...150 ▶

Caetobriga. O Sítio Arqueológico da Casa dos Mosaicos

recensão de uma obra fundamental

João Luís Cardoso¹

¹ Professor Catedrático da Universidade Aberta. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras).

Por opção do autor, o texto não segue as regras do Acordo Ortográfico de 1990.

O volume 17 (2018) da revista *Setúbal Arqueológica*, editada pela Associação de Municípios da Região de Setúbal / Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS) é obra exemplar. Nela se evidencia o compromisso do MAEDS com a memória da cidade de Setúbal – ou o compromisso difícil entre a preservação da Memória e as exigências da moderna vida cidadina dos setubalenses –, o qual se assume como sua preocupação prioritária, expressando-se pelas múltiplas escavações no domínio urbano por si conduzidas.

Remonta aos finais da década de 1970 a importantíssima escavação da Praça do Bocage, com sucessivas ocupações, com as suas fábricas de transformação de produtos piscícolas de Época Romana. Tive o grato prazer de colaborar no estudo daqueles vestígios, contribuindo para a reconstituição da evolução paleogeográfica do espaço onde tais instalações se implantaram, através do estudo das areias amostradas, com recurso à análise sedimentológica dos respectivos depósitos, por via de um laboratório que então ajudei a montar nas instalações do Museu. Assim se afirmou o MAEDS como espaço público aberto à investigação e inovação da prática arqueológica, na verdade um exercício necessariamente multidisciplinar, a que não é alheia a própria formação científica de base dos seus responsáveis e animadores, Joaquina Soares (Geografia) e Carlos Tavares da Silva (Biologia).

A importância da Arqueologia urbana desenvolvida em Setúbal pelo MAEDS, num esforço então solitário e pioneiro, mas que revelou em muitos locais da cidade presenças humanas inesperadas, as mais antigas da época da chegada dos comerciantes e navegadores fenícios ao acolhedor porto de Setúbal, ainda antes da península de Tróia estar configurada da forma hoje conhecida, justificou a realização, por iniciativa do MAEDS, nos

Paços do Concelho de Setúbal, no já longínquo ano de 1985, do I Encontro de Arqueologia Urbana a nível nacional, cujas actas foram publicadas logo no ano seguinte pelo IPPC. Mas a relação do museu, antes de ser MAEDS, com a antiguidade do subsolo da cidade encontra-se corporizada, desde muito antes, por Carlos Tavares da Silva, ao ter publicado com saudoso arqueólogo O. da Veiga Ferreira, “Uma Bela Jóia Romana Encontrada em Setúbal”, nos *Estudos Italianos em Portugal*, em 1968-1969, e, logo depois, “Uma Colher Votiva Lusitano-Romana”, em 1970, na *Revista de Guimarães*. São, pois, ricas e antigas as fundações do MAEDS no respeitante à Arqueologia Urbana da própria cidade, justificando numa prática diária sempre renovada, a valia da sua actuação.

Claro que importa não perder de vista o enquadramento legal da actividade do MAEDS neste domínio da prática arqueológica, com acrescidas dificuldades, até pelas consequências financeiras que dela podem decorrer; mas também neste particular, a solução encontrada em estrita articulação com a tutela, revelou-se essencial para a prossecução dos trabalhos que até ao presente têm vindo a ser realizados, constituindo fonte de inspiração para outras autarquias que se debatem com situações análogas.

Mas o motivo da nossa presença hoje no MAEDS é outro. O livro, com magnífica impressão a cores, abre com uma interessante síntese sobre a questão da localização de Cetóbriga, que apaixonou muitos arqueólogos sadinos desde o século XIX, destacando-se, já no século XX, António Inácio Marques da Costa, Fernando Bandeira Ferreira e Fernando Castelo Branco. Ponto importante deste debate foi a identificação, na rua de Fran Paxeco, de muros de fábrica romana associados a um notável tesouro monetário do século IV d.C.,

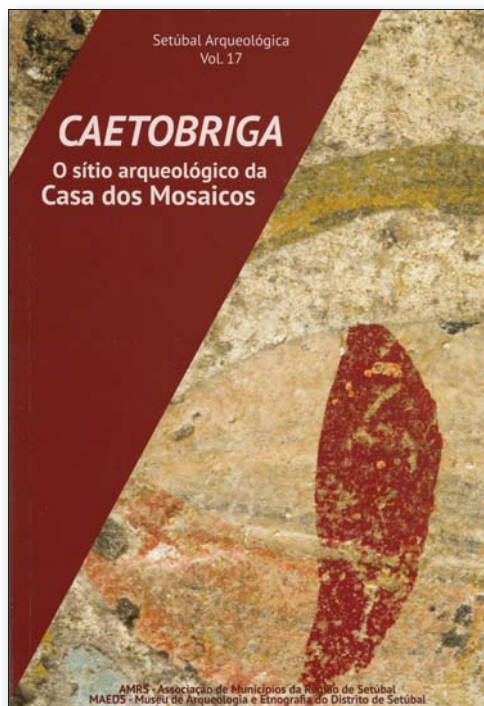


FIG. 1 – Capa de *CAETOBRIGA. O sítio arqueológico da Casa dos Mosaicos*. Coordenação de Carlos Tavares da Silva. Setúbal: Associação de Municípios da Região de Setúbal / Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (*Setúbal Arqueológica*, 17).

estudado e publicado pelo saudoso Coronel Carvalho Fernandes, que fora resguardado em duas ânforas. O acervo recuperado foi de 18.181 moedas, algumas de extrema raridade. A par deste achado excepcional, ocorrido no dia 20 de Maio de 1957, recolheram-se, naquele e em diversos outros locais, no decurso da abertura de valas urbanas de saneamento, fragmentos de recipientes finos, de *terra sigillata*, materiais diversos de construção e até porções de paredes do que, muitos anos depois, viríamos a saber pertencerem a tanques de salga romanos, alguns dos quais foram reconhecidos e escavados ulteriormente na Praça do Bocage. Apesar de todas estas evidências, havia quem as menosprezasse. Fernando Bandeira Ferreira veio mesmo a publicar, em 1959, artigo intitulado “O problema da localização de Cetóbriga”, procurando relativizar os achados dados a conhecer por José Marques da Costa. Diz ele, a tal propósito (Ferreira, 1959: 58): “*Todas as peças parecem, em geral, muito tardias, exceptuando uns fragmentos de sigillata, mas o local em que estes e outros artefactos foram encontrados, permite-nos perguntar se não teriam sido para aí levados com*

FIG. 2 – Mesa da sessão de apresentação de CAETOBRIGA. O sítio arqueológico da Casa dos Mosaicos (Setúbal Arqueológica, 17).

O autor, o Presidente do Conselho Directivo da Associação de Municípios da Região de Setúbal, Dr. Rui Manuel Garcia, e o Dr. Carlos Tavares da Silva.

outros materiais, em épocas relativamente recentes, para fazer daqueles aterros que, de há muito, se efectuam em Setúbal para conquistar algum terreno ao rio [...]”. Adiante, admite, quando muito, que tais restos pudessem ser atribuídos a um arrabalde da cidade romana, industrial ou portuário, mas apenas na eventualidade de aquela corresponder à área de Rotura - Alferrar, na perspectiva de o sufixo “briga” exigir um alto que só ali se observaria.

Estes considerandos, que eram contrariados pela própria natureza dos achados, onde se incluíam produções finas, como os recipientes de *terra sigillata*, e em que alguns elementos arquitectónicos indicavam edifícios de certa importância, contrariando a hipótese de corresponderem aos restos de um pobre arrabalde, como as bases marmóreas de coluna encontradas, levaram ao desalento de Marques da Costa. Com efeito, este, tendo apresentado ao I Congresso Nacional de Arqueologia, reunido em Dezembro de 1958 em Lisboa, uma primeira comunicação sobre tais achados, só em 1960, e seguramente com o apoio de Manuel Heleno, os publicou, em edição da própria Câmara Municipal de Setúbal (COSTA, 1960). Prova do apoio inequívoco daquele catedrático, do qual Bandeira Ferreira era então Assistente na Faculdade de Letras de Lisboa, é a sua presença, registada em fotografia na referida publicação, enquanto observava, com evidente interesse, os espólios recuperados.

Em cartão-de-visita que fez acompanhar a devolução do trabalho de Bandeira Ferreira a Manuel Heleno, seu “querido Mestre e Amigo” como o trata naquela missiva, Marques da Costa refere-se à “prosa delirante” do então Assistente de Letras, comprovando a evidente confiança existente entre ambos.

Se esta introdução se alongou talvez mais do que o desejável, é porque o livro que agora temos a sorte de poder ler veio confirmar inequivocamente que a antiga Cetóbriga se situava em Setúbal, onde não faltariam casas com mosaicos e frescos como a que foi posta a descoberto pelo MAEDS, através das escavações dirigidas por Carlos Tavares da Silva, a par de numerosos outros



Foto: Guilherme Cardoso.

vestígios identificados pelo museu ao longo dos anos no casco histórico da cidade, desde fábricas de preparados de peixe a fornos para a produção de ânforas destinadas ao transporte de tais produtos, abarcando larga diacronia, do Alto-Império à Antiguidade tardia dos séculos VI-VII d.C. Tal é indicado por certas produções cerâmicas, focenses e anfóricas, como é o caso de ânfora proveniente do Egeu ou do Mar Negro, recolhida nas escavações da Rua Arroches Junqueiro, a par de elementos arquitectónicos, destacando-se capitel de concepção bizantina, numa reafirmação, sempre presente, do Mediterrâneo como pano de fundo de toda a base económica e cultural das populações que então habitavam a cidade, a que não faltava – finalmente! – o tão discutido morro, correspondente à colina de Santa Maria, mascarado pelo casario desde há muito, e que impedia a localização de Cetóbriga neste mesmo local.

As escavações metódicas que o MAEDS realizou por toda a malha urbana da cidade histórica constituem hoje precioso acervo para o conhecimento da evolução do aglomerado humano nos últimos três mil anos. A emergência de Cetóbriga resultou do declínio económico de Salácia, a partir do século II d.C., e cedo se fundamentou no núcleo industrial fundado, provavelmente no reinado de Tibério, na antiga ilha de *Achale*, fronteira à cidade, por iniciativa de um dos membros da influente família dos *Cornelii Bochii*, onde se recolheu lápide a ele alusiva. Tal é, a breves pinceladas a história romana de um rio e de uma cidade: Cetóbriga separada por um amplo estuário que era, em si mesmo, a razão da sua própria existência, por via de uma economia altamente especializada na produção de preparados piscícolas apreciados em todo o Mundo Romano.

A história desta cidade, cujo declínio se iniciou talvez a partir de finais do século IV d.C. e acompanhou o abandono das estruturas fabris do outro lado do estuário, que ao mesmo tempo adquiriu assinalável importância religiosa e funerária, encontra-se, como acima se disse, a par e passo documentada pela Arqueologia nas páginas desta obra.

A evolução paleogeográfica do actual espaço urbano, caracterizada por Joaquina Soares, acompanhou, naturalmente, a génese e desenvolvimento da própria ocupação humana daquele antigo esteiro do Sado, desde o Neolítico Final / Calcolítico aos nossos dias, conforme indica a localização das estações identificadas pertencentes a épocas sucessivas e que foram ocupando áreas progressivamente postas a seco, por via do assoreamento do antigo esteiro aqui formado pelo estuário.

É nesse contexto de permanente transformação dos ambientes naturais ribeirinhos, que as sucessivas comunidades ocuparam e souberam aproveitar, adaptando-se e aproveitando todas as potencialidades por eles oferecidas, que se integram os restos postos a descoberto nas escavações da Rua António Joaquim Granjo, local paredes-meias com o MAEDS, cuja publicação constitui o objectivo essencial da presente obra.

Designado pelo sugestivo nome de “Casa dos Mosaicos”, a sequência ali encontrada abarca praticamente toda a história de Setúbal, com inícios na Idade do Ferro, a que se reporta a identificação de um forno público de cozer pão, associado a espólios orientalizantes, até ao Período Islâmico, passando pela Época Romana, representada por sucessivas fases construtivas, adiante referidas mais em pormenor.



FIG. 3 – Sessão de apresentação de CAETOBRIGA. O sítio arqueológico da Casa dos Mosaicos (Setúbal Arqueológica, 17).

No século VII d.C. observa-se a reutilização sepulcral do espaço, corporizada por sepultura aparentemente isolada, caracterizada por Joaquina Soares, a qual foi executada nos níveis de abandono de época romana. Apresenta-se estruturada por blocos que lhe conferem contorno sub-retangular, contendo diversas deposições primárias e um ossuário, cujas cronologias obtidas pelo radiocarbono, indicam o século VI e o século VII d.C. Tanto pela tipologia, como pela ausência de espólio e, claro, pela cronologia absoluta, é compatível com as práticas funerárias paleocristãs documentadas em diversas necrópoles da mesma época, mas até agora completamente desconhecidas em Setúbal.

Enfim, a escassa presença muçulmana identificada no local, estudada por Susana Duarte, vem-se juntar aos vestígios de interessante necrópole islâmica anteriormente escavada pelo MAEDS, constituída por 22 sepulturas, identificada na Rua Francisco Augusto Flamengo a par das cabanas das Ruas de Bocage / António Cardoso.

Os vestígios agora identificados correspondem a 19 fossas abertas em camadas de época romana, preenchidas por detritos domésticos variados, incluindo produções de cerâmica comum lisa e pintada, bem como vidrada (incluindo dois fragmentos de corda-seca) e de tipologias variadas. Com esta presença alto-medieval, atribuível, com base na tipologia dos recipientes encontrados, aos finais do século VIII / inícios do século IX, colmata-se uma lacuna na história da cidade, que se julgava ter sido definitivamente abandonada desde o final da Época Romana até ao século XIV, encerrando-se assim o registo arqueológico do local, dado que os níveis mais modernos terão sido arrasados aquando da construção do prédio actualmente ali existente, nos finais do século XVIII ou já no século XIX.

Naturalmente, são as evidências de Época Romana aquelas que conferem ao sítio maior interesse patrimonial e arqueológico, evidenciado por diversas estruturas.

O Edifício A, atribuído ao 3.º quartel do século I d.C., integrando diversos muros, abandonado no decurso do século III, a que se seguiu o reaproveitamento de muitos dos seus elementos construtivos, pouco tempo depois de ter sido valorizado pelos mosaicos que o caracterizam, atribuíveis à primeira metade do século III, estudados por Licínia Wrench. Não deixa de ser estranha esta aparente incongruência, observada em tão curto espaço de tempo.

Tais mosaicos constituem elementos até agora sem precedentes na Setúbal romana, revestindo com motivos geométricos polícromos o piso das duas salas do edifício postas parcialmente a descoberto.

As paredes da *domus* encontravam-se também decoradas por pinturas a fresco, sobre estuque, tendo-se reconhecido três fases do seu revestimento pintado. Trata-se de motivos geométricos e figurativos, cujo estudo detalhado poderá trazer nova luz sobre estas manifestações artísticas, ainda tão mal conhecidas no território peninsular, por falta de um estudo sistemático de há muito requerido. Eu próprio, com Carlos Tavares da Silva, nos debatemos com idêntica dificuldade aquando do estudo das pinturas observadas no estabelecimento romano de Leão (Oeiras), destruído por incêndio em meados do século I d.C. e jamais reconstruído. Sublinhando a importância social dos donos desta habitação, recolheram-se fragmentos de placas de mármore verde, de rara beleza, destinadas também ao revestimento parietal. O Edifício B, representado essencialmente por muro rectilíneo, abandonado na mesma época do anterior, tem o interesse de definir, conjun-

tamente com o muro principal do Edifício A, o primeiro arruamento de Cetóbriga, com cerca de 1,3 m de largura.

À caracterização estratigráfica, arquitectónica e artística (mosaicos e pinturas) das estruturas que integram os dois edifícios identificados, segue-se o estudo detalhado dos espólios encontrados, a cargo de diversos especialistas.

Sónia Gabriel estudou os conteúdos de uma ânfora Dressel 14 da 2.ª metade do século I d.C., tendo concluído que se tratava de sardinhas salgadas inteiras, a *salsamenta* dos romanos, conserva pela primeira vez aqui identificada; as produções de *terra sigillata* foram estudadas por Antónia Coelho-Soares; as cerâmicas de paredes finas e lucernas por Eurico de Sepúlveda e Catarina Bolila; a cerâmica comum romana por Antónia Coelho-Soares e Carlos Tavares da Silva; e as ânforas romanas por este último arqueólogo. É de mencionar a categoria das “ânforas lusitanas precoces”, não conotada com nenhuma forma normalizada corrente, devidamente caracterizadas e comparadas com exemplares de outros contextos conhecidos, quase todos também explorados pelo autor na região do Baixo Sado (Pedrão, Abul-A e Alcácer do Sal), a que se sucedem as bem conhecidas ânforas Dressel 14.

Os estudos antropológicos foram assegurados por Margarida Figueiredo e o estudo isotópico dos respectivos restos ósseos, realizado por Alice Toso e Michelle Alexander, permitiu concluir que aqueles indivíduos teriam a sua alimentação essencialmente baseada nos recursos marinhos, como seria naturalmente previsível, tal como era esperável que a população do Monte da Cegonha, que serviu de elemento de comparação, vivendo no interior alentejano, comesse essencialmente carne. Nada que justificasse a inusitada importância que os autores conferiram a tal evidência, como se ela não fosse, à partida, mais do que esperável...

O volume termina com o estudo arqueozoológico dos restos recolhidos nos diferentes contextos escavados, da autoria de Cleia Detry.

Trata-se, pois, de uma obra verdadeiramente transdisciplinar, como são todas aquelas a que, sempre que justificável pela natureza dos dados, o MAEDS desde cedo nos habituou, fiel ao princípio irrevogável mas tantas vezes esquecido, de

que a boa prática arqueológica exige, antes de mais, o estudo exaustivo e irrepreensível dos espólios arqueológicos recuperados.

Assim, o sítio designado por Casa dos Mosaicos, esta que é de facto a verdadeira “Casa das Histó-

rias”, pelas histórias que ciosamente guardava ao longo dos séculos e agora estão finalmente decifradas, assume-se especialmente pela existência de *domus*, com mosaicos, pinturas murais e aplicações a mármore exóticos, evidenciando a existência de uma classe abastada, relacionada com o comércio e a actividade industrial, tal qual o revelado no outro lado do rio, onde também se reconheceram *domus* de ricos proprietários, igualmente decoradas com pinturas murais e mosaicos, reforçando as estreitas afinidades existentes entre as duas margens da cidade romana.

Por via dos trabalhos desenvolvidos pelo MAEDS desde a sua fundação, reuniu-se um repositório de informação essencial sobre as pré-existências de Setúbal, as quais, nalguns casos, com sabedoria e bom senso, os arqueólogos souberam integrar no quotidiano dos habitantes da cidade moderna, valorizando-o e dando-lhe a consistência que lhe faltava.

Não haverá outra cidade portuguesa da actualidade cujo conhecimento seja tão completo por via da Arqueologia Urbana, como a de Setúbal. Esta obra é, pois, mais uma prova dessa realidade, por certo a mais notável de todas elas, que bem atesta a vitalidade do MAEDS, mais de 40 anos depois da sua fundação, o vigor na concretização daquele que é um dos seus objectivos fundamentais, enunciados logo na Nota de Abertura escrita pelo Sr. Dr. Rui Garcia, Presidente da Associação dos Municípios da Região de Setúbal. Por isso devemos estar gratos aos autores e a quem criou as condições, ao longo dos anos, para que a mesma se realizasse, tanto no terreno, como na concretização do livro que de hoje em diante teremos o privilégio de usufruir. 🐘

Referências

- COSTA, J. Marques da (1960) – *Novos elementos para a localização de Cetóbriga. Os achados romanos na cidade de Setúbal*. Setúbal: Câmara Municipal de Setúbal.
- FERREIRA, F. Bandeira (1959) – “O problema da localização de Cetóbriga. Seu estado actual”. *Conimbriga*. Coimbra. 1: 41-70.
- SILVA, C. Tavares da (coord.) (2018) – *CAETOBIRIGA. O sítio arqueológico da Casa dos Mosaicos*. Setúbal: Associação de Municípios da Região de Setúbal / Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (*Setúbal Arqueológica*, 17).

novidades



CAETANO, Maria Teresa (2018) – *ANIMALIA QVÆ LACTE ALVNTVR. Mamíferos nos Mosaicos Romanos da Península Ibérica*. Casal de Cambra: Editora Caleidoscópio.

CARVALHO, Pedro C. (coord.) (2018) – *Estudo Histórico e Etnológico do Vale do Tua (Concelhos de Alijó, Carraceda de Ansiães, Mirandela, Murça e Vila Flor)*. Porto: Ed. Afontamento. 3 vols + DVD.

COELHO, Rui Gomes (2018) – *O Arqueólogo Cordial. A Junta Nacional de Educação e o Enquadramento Institucional da Arqueologia Portuguesa durante o Estado Novo (1936-1974)*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais / Universidade de Lisboa.

GONÇALVES, Victor S. (ed.) (2017) – *Sinos e Taças. Junto ao oceano e mais longe. Aspectos da presença campaniforme na Península Ibérica*. Lisboa: Centro de Arqueologia da Univ. de Lisboa (*Estudos & Memórias*, 10).

LOULÉ. *TERRITÓRIOS, MEMÓRIAS, IDENTIDADES* (2018) – Lisboa: Imprensa Nacional / Museu Municipal de Loulé (catálogo de exposição).

SILVA, Carlos Guardado (coord.) (2018) – *Nova História Local. Torres Vedras*. Lisboa: Edições Colibri / Câmara Municipal de Torres Vedras (Coleção *Turres Veteras*).

CONSERVAR PATRIMÓNIO (2018) – N.º 28. Direcção António João Cruz. Lisboa: ARP - Associação Profissional de Conservadores-Restauradores de Portugal. Em linha. Disponível em <http://revista.arp.org.pt/pt/revistas/28.html>.

EBVROBRIGA. *História, Arqueologia, Património, Museologia* (2018) – N.º 9. Fundão: Museu Arqueológico Municipal José Monteiro.



almada online

[\[http://www.almadan.publ.pt\]](http://www.almadan.publ.pt)

[\[http://issuu.com/almadan\]](http://issuu.com/almadan)

uma edição



CAA

Centro de Arqueologia de Almada

[\[http://www.caa.org.pt\]](http://www.caa.org.pt)

[\[http://www.facebook.com\]](http://www.facebook.com)

[\[c.arqueo.alm@gmail.com\]](mailto:c.arqueo.alm@gmail.com)

[212 766 975 | 967 354 861]

[travessa luis teotónio pereira, cova da piedade, almada]